

Malditos sejam todos vocês

Wagner Corsário

P **C**órego

C826

Corsário, Wagner

Malditos sejam todos vocês / Wagner Corsário. – São Paulo:

Córrego, 2019. Série Polifemo.

36 p.; 16 × 23 cm

ISBN 978-85-7039-041-7

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira.

I. Corsário, Wagner. II. Título.

CDD B869.1

Imagem de capa Lilli Ferreira

Editora Córrego

Rua Araújo 355 31

Centro São Paulo SP

01220-020

editoracorreio.com.br

CONHECER WAGNER CORSÁRIO
Seraphim Pietroforte

Conheci Wagner Corsário no meio de suas contradições: foi em uma palestra sobre literatura – não me lembro onde –, ele se colocava diante dos debatedores com “discordo veementemente!!!”.

Figura estranha... meio “from hell”, meio “too young to die, too old to rock’n’roll”... “Venho de woodstock a pé”, me disse Wagner quando nos conhecemos. “Prestei atenção nos caminhos, vim fumando maconha, por isso não tenho saco com caras bundinhas”.

Wagner mora em Guarulhos, no estado de São Paulo; tem por volta de 50 anos – como eu –. Não se formou em nada, mas já começou a fazer Direito, Jornalismo, Ciências Sociais, Krav Maga, ... “Digo foda-se. Não sou escroto, só não me perco”. “Quer ver uma coisa? Trompete eu aprendi a tocar!”

Embora o título sugira isso, *Malditos sejam todos vocês* não são poemas de ódio – creio que Wagner não despreza seus leitores, ele não me odeia –. Tampouco é frase de efeito, o ódio é sua forma de traduzir o mundo – “evita os pentelhos”, filosofa o poeta –.

Seus conhecimentos acadêmicos e literários são fragmentários e assistemáticos; isso pode explicar as formas poéticas escolhidas para se expressar. Wagner transita por vários temas, ele parece não se obcecar facilmente pelas coisas. Tudo em seu universo poético, porém, passa pelo mesmo processo de composição: (1) o título geral, que define campos de significação; (2) desenvolvimentos do tema, que surge fragmentado em cada poema do campo.

Isso faz com que não haja conclusões – não há análises, antíteses e sínteses, pois suas variações não são argumentos –; nem há divisões prismáticas de ideias, pois não se trata de objetivar os conceitos em seus muitos modos de existência. Há em Corsário a fragmentação da ideia que não se deixa capturar, uma vez que sai deformada em cada reflexão; enfim, poeta da negação do esclarecimento.

Em seu desesclarecimento, Wagner raramente dialoga com as poesias visual e sonora – isso só se dá no terceiro poema da série “podemos ser amigos por controle remoto” e em “prosopopeia” –; na expressão plástica dos poemas, a disposição dos versos na página tem a função tradicional de separar estrofes. Isso termina por concentrar sua poesia mais nas formas de conteúdo do que nas formas de expressão, aproximando-se da poesia coloquial, próxima das falas e das conversas, portanto distante do púlpito dos poetas pregadores ou dos gabinetes e bibliotecas dos poetas semiólogos.

Se Wagner faz a poesia próxima da fala, cabe perguntar de onde ele fala e em que tom. O lugar em que fala, evidentemente, não é um lugar físico, uma posição no espaço; trata-se do lugar semiótico, de posições conceituais, por meio das quais o enunciadador justifica suas colocações ideológicas. Os poetas experimentais, por exemplo, falam de dentro da academia; os poetas futuristas falam em meio às cidades industrializadas; os poetas árcades falam vivendo no campo.

Wagner Corsário fala de dentro dos botecos, a fala ligeiramente alcoolizada; suficientemente sóbrio para não perder as articulações da linguagem. Por isso seu tom é levemente desbocado, às vezes agressivo, às vezes grosseiro, sempre triste no final da noite... sua tristeza de bêbado, todavia, não é vã. Ele filosofa com seus fragmentos, seja “com” no sentido de filosofar dialogando com eles, como se o próprio Wagner fosse mais um fragmento; seja “com” no sentido de “valendo-se deles” para resmungar.

Se seu discurso é monólogo – Wagner vs. Wagner –, suas blasfêmias derivam em infelicidade; se é diálogo, *malditos sejam todos vocês*.

notícias do planeta vermelho

putz...

pizza!!!

plenilúnio

você farfalha na floresta

) sua prosódia

por Deus

é tão pentelha... (

mesmo assim fiquei fodido

você me fodeu!

* * *

o sofá vermelho

minha imaginação me diz vermelho

a memória certamente falha

* * *

um haicai

porra

no sofá vermelho

nem me lembro mais...

a memória pronta para me salvar

* * *

filha da puta
espero que nessa altura da vida
– da estrada da vida –
a que ponto eu acabei de chegar
a poesia diz limite
limite-se a descansar
descansar
descansar

* * *

consertar esta merda de rede
concertar esta merda de rede

* * *

olha...
melhor assim, escuta!
não há nada que não se discuta numa relação
não há mais nada que se salve
mira no horizonte
quanta gente se afogando agora
você se levantará da mesa
sem demora

demore o tempo que for necessário
demore para arremessar os seios
as saias
saia daqui!

* * *

e pensar que pude ser tão...
) agora engasgo (
– nada de poeta gago
sou poeta prolixo
sou poeta pró-lixo
sou o poeta que vai diretamente para seu cesto sujo
soco no saco
soco no seio
sua metade morte –
mesmo assim
fui

podemos ser amigos por controle remoto

justamente quando
quando, justamente,
pois
no descanso dos justos
– porque eu merecia isso
como merecia isso... –
quando não estava lívido
quando não havia dívidas
quando me vesti bem
e você
também

* * *

foi por que eu vim?
foi por que eu vi?
– meu nome de verdade completaria isso –

* * *

me deixe adivinhar
) isso se dava no caminho para onde fomos
como se fôssemos só (

por isso mesmo
não suporto bossa

prefiro
mu — si — ca

e

1

e

 t r

O A

CUSSSSSSSSSS

tī tī tī tī tī tī tī tī tī tī tī tī tī tī tī tī

K A

* * *

ainda a pouco
eu era ás no pássaro de aço
às voltas com as gaivotas

albatroz, assim pousava
mancava de uma das pernas
sou Jacó, Ahab, doutor Don Blake

sou o coronel Steve Austin
meu olho biônico mira
fita seus ombros

radiografa
grava sua voz
medita sob seus pés

* * *

não sou seu amigo robô

excrucior

talvez a morte seja só ferrugem
oxigênio que envenena devagar –
você sobrevive só porque traga um pouco por dia
– na métrica das epopeias
minha frase é bastante adequada

excrucior

só não me deixe em frangalhos
ainda preciso voltar para minha terra

excrucior

muito disso é retórica

o deleite e o delete

quase tudo, menos a ball-gag
não interessa se veio de Amsterdã
se tem furinhos para respirar
esferas em três tamanhos
– é só questão de click –
nisso você para

sua boca não se cala
você também quase não me beija
mesmo eu dizendo aprecio o paralelismo que,
por ventura, o aparelho dá à sua boca

* * *

enrola, mas você responde
os nós somos nós
nós outros deitados de bruços

repentinamente – como nunca ouvi – soluços
o choro é um tipo de música eletroquímica
desmaiar não implica perder os sentidos

* * *

no entreato
a câmera escura
nosso desconhecimento de 96% de tudo
meu amor suspenso entre o chão e o teto
como se balançasse no parque de diversões
e
o laptop
atento
guardará alguns segredos

furos no disco e no papo

eu, você, alguém
desliga o rádio

dispenso esse passado

esses resmungos baixos
parece alguém sofrendo

música para os fracos

vou precisar de frascos e frascos de alguma droga
se vou ficar até o fim do disco

* * *

“é melhor ser alegre que ser triste?”

não desacredite, isso existe!

todo mala não gosta de ser triste

* * *

não diga que eu não desatino
caso você me diga isso
pensando nos marrecos sorridentes
prefiro o Pinguim de Gotham City

* * *

dia de luz, festa
curva senoidal
diante do mar
seu umbigo cruz
atesta, braços abertos
sobre as partituras
esses sons, os puros
vento pelo bambuzal
seu lençol de linho?
seu lençol de linho
seu lençol de linho branco
seu lençol de linho

* * *

pelo menos uma vez
escuto
Sivuca
numa rádio de Cuba

sucumbir em Cuba por uma menina?

conto
apenas com a memória
aquela tela que fica em nossa mente
quando descrevo
tendo a crer:
ninguém

quem sabe?
começo pelos quase cubos
as pedras polidas das calçadas
algumas pedras de gelo
numa Coca-Cola de lá

também encontrei uma barra de chocolate duro
foi a primeira vez que bebi suco de grapefruit
no café da manhã

* * *

pois estávamos diante do mar
poema neoconcretista:
mar verde – de Varadero
marco verde – as copas das palmeiras

barco verde – ônibus verde
arco verde – sua tiara
ar verde – a erva, fumada escondida dos comunistas

* * *

disse
durante o dia fico ereta
como se fosse soldada

isso
depois de atravessar a rua descalça
– pé ante pé –
assim que desceu do ônibus
em direção ao mar

de noite
na mesma perna
amarra a garrafa de rum
antes de entrar na sorveteria

* * *

serás ministra!

nunca

seria

sex cymbal

tocando bateria

ex-família

“cacofonia humana
em domicílio urbano”
isso era um poema de minha irmã
única que resta

música que fica
o disco escondido
o livro, entre as frestas
todos os tios

* * *

no beco chamado cozinha
todos são filhas da puta com orgulho
diante do frango assado

na rua, quebra a cara de quem te chama
“seu filho da puta”

em casa
“minha mulher é uma mãe e uma puta”

minha mãe e a sua
todas elas putas

* * *

em nome disso
tudo se faz:
certa vez minha mãe me disse
de braços abertos
– meu Deus, é Jesus Cristo! –
“um braço é você
o outro, sua irmã”

e assim, oscila minha mãe
entre janeiro e o próximo ano

* * *

alguma lembrança menos ácida?
pelo menos, duas:
polenta a base de leite,
coberta com molho de tomate,
feita por minha mãe;
a goma de farinha,
cola para as figurinhas...

* * *

os tomates pareciam bolas de futebol,
o caipira de merda sobe a montanha
em direção a Jesus – pobre palhaço –
todos são cornudos, a única bomba do brasileiro:
rojão na hora do gol, quase fico surdo
em nome da revolução!

* * *

tumbas
os quartos são tumbas
todos eles dormem

eis o sono dos parentes:
o decúbito ventral dos tios
depois do almoço
o sabá das tias na cozinha
sobre os sofás
os cobertores velhos
sobre os carpetes
restos de plástico
nos vasos
as margaridas artificiais
vivem sem água

história em quadrinhos

é
teria sido sincronicidade
– manifestação do arquétipo –
eu de pica dura
diante de Paulette
na livraria
chamada
Muito Prazer
?

* * *

na ficção científica apocalíptica
você perde a mão
mas não perde o tato
nada como pistolas de raios
no lugar dos dedos

* * *

se eu pudesse escolher
uma das musas da HQ
para ser mulher de verdade

não seria Claudia, do Manara
nem Valentina, do Crepax
tampouco Druuna, do Serpieri
mas escolheria Mara,
do Dennis Cramer,
porque ela anda sempre descalça

* * *

em Marte ou Eldorado
na Terra Selvagem ou no Mundo do Centro do Átomo
nada pior que o sábado
quando você tem treze

* * *

enquanto isso
o homem folha fuma
vira fumaça
e
o homem farinha se espalha
.....
chapado

rock'n'roll

gosto das cantoras magras
namoradas das drogas

o corpo em forma de vírgula
tempo para pensar

tempo do fumo
confuso enquanto dura

tempo da coca
muito rápido

o álcool evapora vagamente

* * *

nem velho para o rock, o cúmulo, a coca
nem moço demais para a cova
apenas na hora de ouvir uns tangos

* * *

na academia de letras
tem um velho maneta
que ainda toca punheta

* * *

a lei
a culpa
todos filhos da puta

* * *

quem sabe, na banda,
algumas bundas?

* * *

hora da bomba
hora da bronha
hora de dormir

canções do exílio

pombas na praça central
bonecas de sobra
o calor decola lá...

o verão em julho, Veneza
me lembra o Brasil
a mocinha mais bonita da praça
é a Norte-Americana loira
que passeia descalça

* * *

os canais à mostra
às vezes vaza, em Veneza
tolocos de bosta

* * *

a primeira cerveja de menta,
a segunda, de cereja,
depois, as outras frutas...

bêbado de cerveja e frutas
vejo a cidade do alto da molécula de ferro

diante da Europa em miniatura
sou Gulliver
pronto pra mijar no mundo

* * *

Paris, uma dica
Parc de Belleville
não me leve a mal
fale com os estrangeiros

no Miradouro Adamastor
é parecido
depois das bolotas
todos são bonitos

em Camden Town, Hórus
seu olho de falcão me salva
sinal de maconha brava
incenso que se fuma em Londres

se persisto nisso,
é um vício?

* * *

estou na Índia
pretendo beber suco de manga
em Goa, vejo algumas igrejas

Índia em good power
– parece nome de livro –

o amigo guia
ainda em Mumbai
apontava as mesquitas,
as moças cosmopolitas,
os corvos nos parques
onde nascem as ervas

* * *

em Miami
no mesmo mercado
você compra o rifle
&
bonecos do planeta dos macacos

* * *

meu caro
veja minha cara de borracha

ela muda, desfaz, enruga
não passa de duas máscaras

a do Tor Johnson
outra, do doutor Zaius

* * *

o aeroporto é um contrassenso
há fósseis enterrados ali
lépidos para tudo

é como ser babá lá fora
mas também não vejo vantagem no chofer de táxi
de Havana
e sua pós-graduação em engenharia
feita na antiga União Soviética

tudo se desmancha
minha fuga sabe separar o país e a esquina
que fica logo ali

justo eu
que já confundi o talco e a coca
na hora da fissura

Wagner político

a raça pura está aí para ficar
só não se parece com aquilo que acredita
que seja a raça pura do nazista

olha só como se passa no cachorro
cada raça é derivada de outra raça
que descende de uma raça anterior
daí que toda raça é misturada
só é de raça pura o vira-lata

para Paulo Garfunkel e Libero Malavoglia

* * *

o tanque ou o beque
a folha ou a farda
a erva ou me ergo
fumaça ou me atrapalho todo na hora do verso

* * *

bater em operário que protesta
bater em professor que pede aumento
fazer batida em busca de propina
cercar a malandragem na favela

fingir que é macho pra assustar quem fuma
sua maconha, comprada com cautela
ganhar do traficante no suborno
ganhar do usuário na má fé

guardar as costas de porco fascista
dar mole pra político ordinário
votar em deputado vagabundo

tocar punheta, preso na guarita
falar de boca cheia quando come
me diga, pra que mais serve a polícia?

* * *

a cidade verde
sobra

quando a bruma some
somente fica o verde
a lente de vidro verde

simulacro da Jerusalém Celeste?

pétrea
será somente cinza
nada além do logro

se flora?
será sumo
o suprasumo
extrato de todas as frutas
de todas as polpas
de vento em polpa

casulo?
esteja pronto para se ferir em ferro
vespa
embuste

por isso, abaixo!

* * *

todo poeta tem seu dia de deputado
no meio do verso
ele te pede um voto
depois ele te põe a urna
no meio da redondilha
) sabe lá o tamanho da métrica quando chegam os

advogados (

* * *

um é filho de Xangô
proclama guerra
pensa que ninguém conhece a guia e as cores

outro é filho de Odin
pega no martelo de Thor
veio do continente perdido para resgatar a raça

eu
– filho da puta –
só escuto?

* * *

agora chega!
– festa das carpas

i de Êris
– viva a Bahia de Castro Alves e de Jorge Amado

p de pia, pinguim, pirilampo
– verde que te quero verde

o de Orco

– do tiro saído pela culatra

t de tombo

tt

u da tua cara de cu

diante da KGB

prosopopeia

tudo não passa de ovo, da gema em coro
piu

te atormenta esse pingo, gota que não gora?
piu

ficou puto, a ponto de cruzar a rua?
piu

mesmo assim, esse canto canoro te persegue
piu

corneta no quartel, cúmulo do grito
piu

o contrário dos violinos
piu

Malditos sejam todos vocês
é uma produção da série Polifemo
concebida e organizada por
Antonio Vicente Seraphim Pietroforte,
Matheus Bueno e Luciano Homem de Barro